

Geontologias do *aquilo-outro*¹

Geontologies of the Otherwise²

*Elizabeth Povinelli*³

*Tradução: Adriana Miranda da Cunha
e Paloma Bianchi*⁴

Resumo

Palavras aqui são muito caras na empreitada de desenvolver alguns comentários sobre o potencial do conceito de ontologia para a antropologia contemporânea – por isso a natureza densa e entrecortada de minha escrita. No que se segue, começo por formular algumas das minhas maiores divergências em relação à afirmação pragmática a fim de organizar nossa discussão para, então, esboçar o que acredito serem as três condições iniciais a qualquer conversa produtiva sobre uma antropologia ontologicamente orientada do *aquilo-outro*.

Palavras-chave: Geontologia do *aquilo-outro*; poder; política; ética

Abstract

Words are dear here where we are charged with commenting on the potential of the concept of ontology for contemporary anthropology—thus the condensed and clipped nature of my writing. In what follows, I begin by stating some of my major disagreements with the programmatic statement organizing our discussion and then outline what I believe are the three nested conditions to any productive conversation about an ontologically-informed anthropology of the otherwise.

Keywords: Geontologies of the Otherwise; power; politics; ethics

ISSN: 1414.5731
E-ISSN: 2358.6958

1 Nota das tradutoras: por considerar este um termo capital nos argumentos desenvolvidos no texto, que no original é *otherwise*, sentimos necessidade de debater com a autora a possibilidade mais adequada para a tradução, outra que não fosse a palavra *contrário*, termo mais comumente utilizado em traduções. Por ser este um conceito, não uma palavra a ser traduzida, apresentamos à autora uma lista de opções, dentre elas *aquilo-outro*, *outros-saberes*, *outros-emergentes*, *outros-dissonantes-emergentes*, ou outros-ruídos-emergentes. Por decisão da autora e sugestão nossa, escolhemos de forma consensual o termo *aquilo-outro*.

2 Da série de artigos Políticas da Ontologia – Teorizando o Contemporâneo, da revista *Cultural Anthropology* da American Anthropological Association (2014).

Publicado em <https://culanth.org/fieldsights/465-geontologies-of-the-otherwise>
3 Elizabeth A. Povinelli é a professora Franz Boas de Antropologia e Estudos de Gênero na Universidade de Columbia. Ela tem em sua autoria cinco livros e inúmeros artigos que exploram as topologias do liberalismo tardio, entre eles estão os livros *Economias do abandono* (Duke, 2011), e o mais recente *Geontologias, um réquiem ao liberalismo tardio* (Duke, 2016). Ela também é uma das fundadoras do Karrabing Coletivo de Filmes

4 Doutorandas do Programa de Pós-Graduação em Teatro (PPGT) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). cunhamadri@gmail.com e bianchi.paloma@gmail.com

As maiores divergências

Primeiramente, eu não concordo que ontologia necessariamente evoque essência. Inúmeras filosofias iriam demonstrar o contrário. Precisamos apenas dizer “Martin Heidegger” para lembrar um dos maiores tratados filosóficos que não evoca essência (existência, lembre-se, precede essência). Segundo, eu não concordo que o oposto de essência ontológica seja construcionismo social multicultural. Ter-se-ia que entender a complexidade do pensamento de Espinoza, Pierce, Deleuze, etecetera, como “multiculturalismo”, algo que me parece estranho. Finalmente, entendo que engajar-se na literatura sobre ontologia, não envolve necessariamente exercícios de tradução. Poder-se-ia, por exemplo, envolver exercícios de transfiguração (Gaonkar and Povinelli, 2002; Povinelli 2011).

As pré-condições

Primeiro coloco a localização das fontes do *aquilo-outro*. Antes de avaliar o que a ontologia do *aquilo-outro* pode fazer pela antropologia, eu preciso saber se a “ontologia” situa-se em um contexto transcendental, imanente ou transimane. Claro, há debates filosóficos intensos e relevantes sobre tais posições grosseiramente caracterizadas, sobre quem é exemplo do quê, e o que significaria cada um destes contextos. Mas, primeiro e fundamentalmente, alguns trabalhos de base precisam ser apresentados para que saibamos se estamos lidando com *essências* ou *existentes*. Então, para registro, se a ontologia me diz respeito, ela me diz respeito como um arranjo de existentes no, para, sobre o campo da existência. Nós estamos, em outras palavras, abordando a dinâmica meta-existente/existente. Entidades e seus arranjos são imanentes do plano da existência. Mas o plano da existência é também imanente em relação à si mesmo e também em relação às entidades que produz. Em outras palavras, o plano da existência não é um plano de existência. É sempre mais que um, mesmo que esteja a caminho de se tornar hegemônico ou sustentando sua hegemonia. Por quê? O plano da existência é a ordem estabelecida dos existentes-como-arranjo. Mas todo arranjo instaura seus próprios possíveis desarranjos e rearranjos. O *aquilo-outro* são estes desarranjos e rearranjos imanentes. Michel Serres (1987) explorou uma compreensão compatível de como o *aquilo-outro* é construído do próprio seio de cada arranjo de existência – construir é construir o que está sendo construído e seu ruído. Levantar um copo é também dar existência à possibilidade de que ele caia – ou flutue – quando largado.

Segundo estão as definições de poder, política, e ética que emergem da abordagem da ontologia do *aquilo-outro*. Se qualquer arranjo de existentes/existência constrói seu próprio *aquilo-outro*, então a ontologia pressupõe um estudo de poder, política e ética como problemáticas analíticas separadas. Poder é entendido como aquilo que viabiliza que os arranjos mantenham sua aparente unidade e o que faz com que seja possível sua reprodução ao logo do tempo, não importando se tais arranjos estejam continuamente criando seu próprio *aquilo-outro*. Política é a aventura do *aquilo-outro* enquanto este se torna (ou não) uma entidade-composição autor-

referente estendida e dominante. Este processo pode ser resumido: o que antes é ruído disperso acaba por ganhar corpo por meio da auto referência (uma diferenciação inicial entre isso e aquilo), criando qualidades diferenciais e contorno, e, nesse processo, incluindo e alterando seu entorno. Tendo em vista que o *aquilo-outro* está por toda parte, o estudo analítico do poder e da política pergunta por que alguns existentes-existências permanecem intactos. Ética é a prática do esforço orientada à formação de novos existentes e novos planos de existência. Nessa ética não há um ponto de vista externo-transcendente/transcendental de/sobre qualquer plano de existência dado. Não há, posto que uma antologia imanente não permite adjudicação externa ao plano de existência. Como e porquê, portanto, o sujeito ético coloca esforço aqui ou ali, nisso ou naquilo, agora ou depois, deve ser entendido fora do conforto da adjudicação normativa. Mesmo a noção Habermasiana de ideal regulatório (Habermas, 1984) é meramente uma prática de ética içada ao nível das políticas da existência.

Terceiro, devemos revisitar a noção de ontológico que é construída nos campos dominantes de produção de conhecimento, incluindo a antropologia, a partir da perspectiva das entidades (possibilidades ônticas, *savoir*⁵). Estas entidades, eu sugeria, são construídas na divisão fundante dentro da ontologia como saber (*savoir*). Desde sua inauguração como um campo de reflexão filosófica, a ontologia tem sido definida por meio de como o ser ou não ser, a finitude e infinidade, o zero e o (múltiplo) um, criam e pressupõem um tipo específico de estado-entidade, denominado *vida*. Nas ciências naturais, sociais, e filosóficas, “vida” atua como uma divisão fundacional entre entidades que possui a capacidade de nascer, crescer, reproduzir, e morrer, e aquelas que não conseguem realizar esses processos: biologia e geologia, bioquímica e geoquímica, vida e não vida. Ontologia é, então, estritamente falando, uma biontologia. Seu poder é a habilidade de transformar um plano regional de existência – falando livremente, as compreensões ocidentais destas entidades que possuem tais capacidades – em um arranjo global. Ética é a prática de esforço que possibilita as condições e os cuidados para com as entidades que são a própria divisão do *aquilo-outro*. E política é, primeiro, a luta para demonstrar que este é simplesmente um arranjo dentre muitos outros possíveis arranjos entre biontologia e geontologia; e, segundo, a luta para fomentar e expandir os vários nomes do *aquilo-outro* desta divisão ontológica (mudança climática, antropocena, cosmologias indígenas, animismo, vitalismo, geontologia) a ponto a dar-lhes vida.

Referências

GAONKAR, Dilip Parameshwar, e POVINELLI, Elizabeth A. *Technologies of Public Forms: Circulation, Transfiguration, Recognition*. Public Culture 15, no. 3: 385–97, 2003.

HABERMAS, Jürgen. *The Theory of Communicative Action, Volume 1: Reason and the Rationalization of Society*. Translated by Thomas McCarthy. Boston: Beacon, 1984.

5 Nota das tradutoras: mantivemos a palavra em francês, de acordo com a referência original da autora.

POVINELLI, Elizabeth A. Routes/Worlds. *e-flux*, no. 27, 2011. Disponível em: <http://www.e-flux.com/journal/27/67991/routes-worlds/> . Acesso em: 12 de nov. de 2016

SERRES, Michel. *The Parasite*. Translated by Lawrence R. Schehr. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2007

Agradecimentos das tradutoras

Agradecemos à Elizabeth Povinelli que confiou em nosso trabalho de tradução. À toda a equipe da Revista *Cultural Anthropology* (<https://culanth.org/pages/about-the-journal>) onde este texto foi originalmente publicado. Também à Matthew Wilhelm-Solomon por compartilhar seus conhecimentos em antropologia e ajudar na compreensão do texto na versão original em inglês. Às contribuições dos colegas da turma de doutorado/2016 (PPGT-UDESC) nas discussões em sala de aula, em especial, à professora doutora Tereza Franzoni que nos incentiva a pesquisar os territórios da metodologia e da subjetividade.

Recebido em: 30/09/2016

Aprovado em: 16/11/2016